

# **A Educação em saúde no controle da esquistossomose: diferentes abordagens pedagógicas com professores do ensino básico**

**Felipe Leão Murta<sup>1</sup>; Cristiano Lara Massara<sup>2</sup>; Lilian Beck<sup>1</sup>; Karina Cabello<sup>1</sup>; Otavio Pieri<sup>1</sup>; Virgínia Schall<sup>3</sup>; Tereza Favre<sup>1</sup>**

*<sup>1</sup>Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde, IOC/Fiocruz, <sup>2</sup>Grupo de Pesquisa em Helminologia e Malacologia Médica, CPqRR/Fiocruz Minas, <sup>3</sup>Grupo Multidisciplinar de Educação em Saúde, CPqRR/Fiocruz Minas,*

A esquistossomose ainda é um problema de saúde pública no Brasil. Seu controle está associado a medidas de saneamento, melhoria das condições socioeconômicas e mudanças nos comportamentos de risco. A inserção da educação em saúde na rotina dos escolares de municípios endêmicos é uma alternativa para a construção de conhecimentos que estimulem práticas e atitudes preventivas que podem ser ampliadas para a comunidade. O estudo avaliou se o desenvolvimento de duas diferentes abordagens educativas (lúdico-criativa e pedagógica-crítica), direcionada aos professores pode contribuir para promover uma melhoria no conhecimento a longo prazo sobre a doença tanto nos profissionais como em seus alunos. Foi realizado com 19 professores e seus 330 alunos, de quatro escolas públicas do município endêmico de Malacacheta, MG. Um total de 522 profissionais da área de educação participou do inquérito parasitológico de fezes pelo método de Kato-Katz. Os professores participaram de dois cursos, com abordagens pedagógicas diferentes, com conteúdo voltado para a prevenção e controle da doença. As percepções dos professores sobre a esquistossomose foram evidenciadas por entrevistas semiestruturadas antes e até um ano após os cursos. O conhecimento dos alunos foi avaliado por questionários antes e depois das ações educativas (AE) desenvolvidas por seus professores em sala de aula, para avaliar possíveis mudanças. A positividade da doença entre os profissionais de educação foi de 5,9%. A análise das respostas dos professores às entrevistas apontou um aumento significativo no conhecimento sobre a doença, que também foi observado nas respostas dos alunos. Essa melhoria no nível de conhecimento se manteve após um ano das AE. Portanto, o desenvolvimento de AE com abordagens específicas nas escolas de municípios endêmicos associadas a outras ferramentas de controle podem promover resultados mais duradouros tanto sobre a infecção como no conhecimento sobre a doença.

**Palavras-chave:** esquistossomose, educação em saúde, professores.

**Apoio:** FAPERJ, PAPES VI (Fiocruz /CNPq)